



2024

V.17

História da Historiografia

International Journal of Theory
and History of Historiography



ISSN 1983-9928



Sociedade Brasileira
de Teoria e História da
Historiografia



UNIRIO



UFOP



Artigo Original

AO

Research Article





Escrita como ação: as relações entre escrita biográfica e estilo nas escolhas narrativas da obra *Freud: uma vida para o nosso tempo*, de Peter Gay (1988)

Writing as action: the relationships between biographical writing and style in the narrative choices of *Freud: a life for our time*, by Peter Gay (1988)

Evandro dos Santos

evandro.santos@ufrn.br

<https://orcid.org/0000-0003-2844-4810> 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Departamento de História, Caicó, RN, Brasil.



Resumo

Este artigo pretende problematizar as escolhas feitas pelo historiador alemão, radicado nos Estados Unidos, Peter Gay (1923-2015), ao dedicar-se à escrita de uma biografia de um dos mais importantes pensadores críticos da modernidade: Sigmund Freud (1856-1939). Assim, após inserir a biografia no escopo de preocupações teóricas demarcado na obra do historiador e biógrafo em questão, a análise encaminha-se para a conclusão de que, a despeito da relevância do trabalho, confirmada pelos estudiosos da obra de Gay, a biografia por ele escrita, mais que situar Freud em sua época, tende a relatar o que estava autorizado ser dito em narrativas de vida definidas como uma das formas possíveis de escrita da história, no enquadre dos últimos anos do século XX, como denuncia o próprio subtítulo do estudo biográfico ora examinado.

Palavras-chave

História da Historiografia, Biografia, Estilo.

Abstract

This paper aims at tackling the choices made by the German historian, based in the United States, Peter Gay (1923-2015), when writing a biography of one of the most important critical thinkers of modernity: Sigmund Freud (1856-1939). Thus, after inserting the biography into the scope of theoretical concerns demarcated in the work of this historian and biographer, the analysis leads to the conclusion that, despite relevant, as it was confirmed by scholars of his work, the biography, rather than placing Freud in his own time, tends to report what was authorized to be said in life narratives defined as one of the possible forms of writing history in the context of the late 20th century, as the very subordinate title of this biographical study here examined denounces.

Keywords

History of Historiography, Biography, Style.



“Toda verdade é simples”. Não será esta uma dupla mentira?

Friedrich Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos* (1888).

Introdução

Os estudos de história da historiografia têm demonstrado e, principalmente, ensinado que o século XIX não está tão distante de nós. Dessa constatação decorre certa estranheza em relação ao século XX, que, a despeito de estar, em termos cronológicos, mais próximo, encerra uma série de paradoxos que o empurra para um lugar de diferença perante os olhos de historiadores e historiadoras deste século. Não resta dúvida de que tal sensação diz respeito, justamente, ao jogo dialético entre os contextos históricos, que recortamos e nomeamos com finalidades analíticas e didáticas, em paralelo à dinâmica das temporalidades que se manifesta socialmente e que transcende a comunidade profissional de história, o que se convencionou chamar de “experiência do tempo” (Turin, 2018). No entanto, o Oitocentos legou a forma da disciplina ao antigo saber histórico e o século passado fez o que pôde com essa herança. Nos umbrais do século XXI, mais exatamente na década de 1980, o conhecimento histórico constatou a inevitabilidade da prática interdisciplinar em qualquer historiografia que tem por pretensão algum estatuto de verdade possível, o que se verificou em diferentes contextos.

Para complexificar ainda mais esta constatação, a historiografia carregou o ônus e bônus de ser um saber eminentemente antigo adaptado ao mundo moderno (Payen, 2011). Se, por um lado, ela encontrara alguma resistência ao seu potencial científico, algo desejável a partir da segunda metade do século XIX, e, igualmente, certa dificuldade para estabelecer teorias e métodos de maneira mais autônoma, por outro, a história, entendida como disciplina, não cedeu, facilmente, às seduções do “discurso do método”, como a maioria das disciplinas que nasceram com a modernidade e tinham, desde suas origens, a “vocação científica” como horizonte. A historiografia passou por um processo de reinvenção, tanto no que diz respeito ao trabalho de pesquisa que envolve como na atividade prática de seu ensino, justificativa maior para seu lugar destacado na longa duração que nos leva da constituição da disciplina ao final do século XX, ponto em que se situa a obra que será examinada neste artigo (Guimarães, 1998). Os estudos de história da historiografia são, também, estudos de teoria da história e de história da filosofia, simultaneamente, pois se trata de constatar, de imediato, o quanto   inevitável uma concepção ampla como essa, considerando que a escrita da história conhece (e reconhece) seu passado antigo, suas fronteiras permeáveis e suas possibilidades abrangentes, em termos temáticos.



Tudo o que foi dito nos parágrafos acima, que se pretendem digressivos, tenta fortalecer o argumento de que a posição da historiografia, na reorganização das ciências, desde o século XIX, tão bem examinada pelas subáreas supracitadas, implica no reconhecimento de que o diálogo permanente com outras disciplinas e saberes é condição necessária à escrita da história. Seja pelos recursos narrativos que demanda, seja por seu inegável caráter didático, seja pelo arsenal conceitual que mobiliza, a historiografia define seus limites e suas possibilidades na medida em que engendra esse diálogo e articula, na pluralidade temporal, suas experiências ancestrais, registradas pela filosofia, pelos relatos míticos, enfim, por todos os gêneros narrativos dos quais temos notícia. Existem algumas fórmulas narrativas e alguns saberes que, por características que lhes são próprias e específicas, levam a história, como disciplina, a transpor suas supostas fronteiras e lançam historiadores e seus leitores para além e para além dos pactos taxonômicos que buscam ordenar os mundos do conhecimento. A biografia e a psicanálise seriam, respectivamente, exemplos disso (Avelar, 2010; Franco Júnior, 2021).

Foi sob esta perspectiva que a obra *Freud: uma vida para o nosso tempo*, de autoria do historiador alemão (radicado nos Estados Unidos) Peter Gay (1923-2015), tem sido tomada como fonte historiográfica, em uma investigação que se insere em um projeto mais amplo, desenvolvido em nível de pós-doutorado. Nessa experiência de leitura, trabalhar com uma biografia publicada, originalmente, em 1988, dedicada ao fundador de um dos saberes mais influentes do século XX, consiste, a um só tempo, em examinar o que estava autorizado e, sobretudo, interdito a um historiador quando este tomava o gênero biográfico como escolha narrativa e a história da psicanálise por delimitação temática mais ampla. As inquietações que as narrativas de vida impuseram, a partir de certo momento, à escrita disciplinada da história têm relação com o estranhamento que a maioria das injunções sugeridas entre esta e a psicanálise, com frequência, provocaram. A raiz comum dessas inquietações está na proximidade com o campo do ficcional (Oliveira, 2017). O movimento teórico de abstração pelo qual passou a historiografia indicava certa incongruência com os postulados desenhados por Sigmund Freud (1856-1939), a despeito de sua relevância intelectual equivalente à de nomes como Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), esses, considerados interlocutores mais diretos. A hipótese defendida nesse artigo encaminha-se, justamente, para a percepção da obra biográfica dedicada a Freud, por Peter Gay, como um *estudo de estilo* desse último e, sobretudo, como uma demonstração da incomensurabilidade produtiva entre a historiografia e a psicanálise, tal qual elaborado pela historiadora estadunidense Joan Scott (2012). Dito de outra forma, algumas hipóteses relativas à vida e à obra de Freud apenas poderiam ser tratadas por um historiador se o fossem postas em uma biografia, ao passo que, nessa mesma senda, determinadas facetas históricas da psicanálise, em meados dos anos 1980, não poderiam ser senão criticadas, afinal, era o Freud “daquele tempo”.



Esse artigo não deixa de ser, também, uma reflexão acerca da contemporaneidade de um biógrafo e de um biografado em relação ao nosso presente imediato e ao estado atual dos debates sobre as relações da biografia, da psicanálise e da ficção com a escrita da história. O exame que se vai apresentar não desconsidera as críticas aos usos da ideia de contemporaneidade, como têm sido expostas por nomes como Berber Bevernage (2021). Em certo horizonte, é, inclusive, inspirado por elas.

O estilo na história

A biografia escrita por Peter Gay, em sua segunda edição brasileira, datada de 2012, versão que serve à presente análise, possui mais de oitocentas páginas. Portanto, em termos metodológicos, é pertinente dizer que essa experiência de leitura não detém qualquer escopo exaustivo. Trata-se, por conseguinte, de uma proposta de análise delimitada e que tem por intento, em especial, apontar para alguns diálogos da obra com a própria concepção de história de Gay, evidenciada em alguns de seus interesses de pesquisa, e, sobremaneira, pretende fomentar o exame dos diálogos interdisciplinares entre a historiografia e a psicanálise a partir de um produto do trabalho de um historiador. O argumento geral, que subjaz a essa experiência é, como já enunciado na introdução, a condição interdisciplinar da historiografia. Ademais, torna-se importante descrever os percursos dessa leitura a fim de reforçar esse argumento mais amplo, compartilhado por diversos historiadores, ao longo dos últimos cem anos, através de um esforço de pesquisa específico.

No ano de 1974, a primeira edição da obra *O estilo na história*, de Gay, foi divulgada nos Estados Unidos. Importa observar que esse livro foi publicado em uma conjuntura internacional de importantes contribuições ao debate teórico sobre a historiografia, inserindo-se no que, depois, se convencionou chamar de "giro linguístico". Enquanto os títulos *Como se escreve a história*, de Paul Veyne (1971), *Meta-história*, de Hayden White e *A escrita da história*, de Michel de Certeau (1975) são listados, frequentemente, como marcos da reflexão sobre a historiografia moderna, naquele período, *O estilo na história* não costuma ser mencionado. Evidentemente, Gay não contava com o mesmo reconhecimento que seus colegas acima citados e que também lançavam obras naquele intenso contexto de debates para a história disciplinada. De todo modo, até mesmo o instigante trabalho de White demoraria a ser traduzido para outros idiomas e a ingressar, de fato, na discussão mais ampla que se realizava em diferentes países. Nesse sentido, para o caso brasileiro, vale dizer que essa obra escrita por Gay só seria publicada por aqui no ano de 1990, depois da divulgação de outros de seus trabalhos, como, por exemplo, *Freud para historiadores* (1985) e a primeira edição de *Freud: uma vida para o nosso tempo* (1988), ambos lançados em



1989 (no Brasil).

Peter Gay afirma, no prefácio de *O estilo na história*, algo que reforça, com significativa coerência, a ideia de que a história disciplinada negocia, desde o século XIX, com os diversos passados que confirmam a experiência da história como um fenômeno antropológico. Gay escreve que seu interesse pela questão do estilo antecedeu sua escolha pela profissão de historiador (Gay, 1990, p. 11). Essa marcação autobiográfica trazida por ele acompanha os inúmeros registros que comprovam o fato de que a preocupação com a dimensão estilística da escrita da história é tão antiga quanto a própria história e transcende a modernidade e o caso particular ora examinado. Nesse livro, é possível recuperar um princípio que, apesar de simples, constitui a base do que se deve saber quando se está falando acerca do estilo: ele está diretamente atrelado aos discursos filosófico, retórico e poético, que remontam ao sistema formulado por Aristóteles (Brandão, sem ano, 23p.). Esse conhecimento teórico antigo sobre o estilo auxilia no uso moderno que Gay propõe, para o campo da historiografia: “deve o historiador lembrar que a própria ideia de estilo vem afetada por uma ambiguidade central: há que dar informação e prazer” (Gay, 1990, p. 20). Tratar do estilo, por assim dizer, consistiria em examinar os efeitos do texto sobre seus leitores. Considerando a vasta tradição sobre a matéria, Gay enuncia o estilo como “ato de vontade e exercício da inteligência” e ratifica assim o argumento: “o estilo é um instrumento da razão prática” (Gay, 1990, p. 25).

Sendo ato e envolvendo razão prática, Gay entendeu que os estilos possuem histórias particulares que marcam (e demarcam) historiografias. Foi a partir desses pressupostos que ele levou a cabo seu estudo estilístico das obras de Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt, nomes que garantem a estrutura de quatro capítulos de *O estilo na história*. A recuperação dessa obra, feita brevemente, é suficiente para os fins desse artigo. O intuito de revisitar uma agenda teórica que parece relevante, no conjunto da trajetória intelectual de Gay, é estratégico. Ela pode auxiliar no exame das escolhas feitas quando da redação da biografia dedicada a Freud. Conforme o historiador:

O que deveria impedir o historiador de apresentar suas descobertas à maneira árida, deliberadamente deselegante, de um artigo, digamos, de psicologia clínica, não é sua aversão literária a tal tipo de exposição, mas o reconhecimento de que tal modalidade expositiva seria não apenas menos agradável do que uma narrativa disciplinada – seria também menos verdadeira. O estilo é a arte da ciência do historiador (Gay, 1990, p. 196).



Pode-se afirmar que esse excerto, que encerra o livro, fornece elementos suficientes para pensarmos as escolhas de Gay em *Freud: uma vida para o nosso tempo*.

Intermezzo: a biografia moderna e a vida intelectual

Antes de avançar na análise do estudo biográfico ora em questão, importa perpassar, ainda que brevemente, a longa trajetória de paralelos e cruzamentos existente entre a biografia e a escrita da história, estudada em abundância em diversos contextos historiográficos. Desde o mundo antigo, ligado à filosofia moral, passando, na época moderna, a relevante recurso heurístico ligado às tradições eruditas e antiquárias, o gênero biográfico tornou-se, no século XIX, um dos elos a serem observados nas definições do que viria a ser o texto definido como historiográfico (Momigliano, 2004). Quando a historiografia passou a ser configurada tal qual uma prática disciplinar, pesquisas e narrativas sobre vidas individuais seguiram a ser produzidas sem que se ignorasse o acordo de que as exigências documentais e os limites interpretativos deveriam orientar tanto a composição de textos estritamente históricos como aqueles de caráter biográfico, quando oriundos do trabalho de historiadores. Por envolver dimensões que desafiavam a ordem dos discursos proposta na modernidade, o biográfico foi, ainda, apreendido como um gênero de fronteira entre a história e a literatura. Contudo, os registros produzidos nesses dois campos, ao longo das décadas, comprovam que as vidas escritas ultrapassavam as ditas fronteiras e participavam da composição do patrimônio artístico e científico via histórias e literaturas nacionais (Loriga, 2011).

Essa ausência de limites, no entanto, não impediu a conformação dos diversos campos discursivos, com seus regimes de verdade estritos e naturezas particulares. No que concerne à historiografia, as construções biográficas de sujeitos históricos, por outro lado, adotaram esse "impasse" como uma de suas aporias definidoras. A historiadora Márcia de Almeida Gonçalves, em artigo no qual examina o problema, partindo do contexto inglês (esse, aliás, que forjou o termo "biografia", no final do século XVII), aponta que a chamada biografia moderna constitui, na esteira do que diz Daniel Madelénat, um paradigma que se contrapõe àqueles das biografias clássica e romântica. Ainda, de acordo com Gonçalves, a disseminação da teoria freudiana seria um dos elementos participantes da crise geral no pensamento europeu, em finais do século XIX e inícios do século XX, no que toca, por exemplo, aos valores do racionalismo e do cientificismo positivista (Gonçalves, 2011, p. 121). Ou seja, a psicanálise colaborou, com seus questionamentos, na composição do que viria a ser entendido como biografia moderna e, por conseguinte, afetaria as propostas de obras biográficas entendidas como históricas ou historiográficas. Essas vidas escritas por historiadores modernos seriam, portanto, marcadas pelo hibridismo que exigiria dos



autores, simultaneamente, preocupações metodológicas (sobretudo, documentais) e poéticas (estilísticas), algo que pode ser observado ainda hoje na disciplina histórica.

A onipresença de Freud, em certa medida, em todas as dimensões analíticas deste artigo, solicita algumas palavras acerca de outra categoria que também caracteriza a modernidade e condiz exatamente com o contexto em que se define, segundo a historiadora supracitada, a biografia moderna, que é a de intelectual. Não é sem razão que François Dosse, em sua imponente obra de síntese sobre o assunto, intitulada *O desafio biográfico*, publicada originalmente em 2005, dedica uma seção exclusiva à temática da biografia intelectual. O imperativo de que “o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano” é posto em xeque, ao passo em que esses sujeitos se convertem em personagens históricos de relevo incontornável à própria historiografia, ao longo do século XX (Dosse, 2009, p. 361).

Em horizonte análogo, no desdobramento também desenvolvido pelo historiador francês, há outro imperativo presente nas biografias de intelectuais: aquele da empatia. Na conhecida lógica da memória disciplinar, devidamente apontada por Manoel Salgado Guimarães (2003), o envolvimento entre biógrafos e biografados, nos casos de vidas de intelectuais, apresenta-se como uma constante (Dosse, 2009, p. 370-374). Esse aspecto da empatia entre biógrafo e biografado é tão relevante que vem sendo ressaltado por pesquisadores da matéria, como, por exemplo, a socióloga britânica Ann Oakley (2010), até mesmo pela carência de reflexões anteriores e por seu impacto no resultado dos estudos biográficos, como observado nos campos da crítica e da teoria literária (Moretti, 2013). Oakley, por sua vez, encaminha o exame do problema a partir dos debates sobre a ética na escrita de narrativas biográficas, o que encerra uma série de outras indagações que envolvem dicotomias como objetividade e subjetividade, sujeito e objeto, qualitativo e quantitativo etc. Em tempo, nesse estudo, Freud é mencionado, novamente, como referencial teórico pertinente ao chamado método biográfico.

Com esses elementos básicos, que dizem respeito à longa história das relações entre a biografia e a história e, concomitantemente, à história dos intelectuais, ao longo do século XX, é possível avançarmos na análise com mais segurança, tendo em vista os laços que unem Peter Gay ao seu biografado. Freud e a psicanálise, como dito anteriormente, ocuparam os estudos do biógrafo por diversos anos e ler a vida de Freud narrada por Gay é, de algum modo, acompanhar alguns impasses epistemológicos que, seguramente, fornecem elementos importantes sobre o passado e o presente da historiografia e da psicanálise, em seus encontros e desencontros entre a realidade possível aos historiadores e demais cientistas sociais e a imaginação perseguida pelos psicanalistas e escritores de ficção, de modo geral.

“Freud não foi seu melhor juiz”: um biógrafo dos anos 1980



A hipótese de leitura da biografia de Freud, escrita por Gay, ora apresentada, parte do argumento de que essa obra pode ser tomada como um estudo de estilo, nos termos que o próprio historiador e biógrafo apreendia tal categoria. O biógrafo toma a fórmula antiga da narrativa de vida para, no sentido examinado pelo historiador estadunidense Hayden White, estabelecer a estrutura mais pertinente para as interpretações que, como historiador, tinha a oferecer acerca da trajetória de Freud e do desenvolvimento da psicanálise como saber específico (White, 2001). É possível levantar a hipótese de que a escolha da biografia como gênero narrativo é revelador não apenas de um contexto historiográfico favorável – a década de 1980 abriu debates sobre a importância e a validade da biografia histórica como escrita legítima da história profissional – mas de finalidades bem estabelecidas no conjunto dos escritos de Peter Gay que se relacionam com a história da psicanálise. Basta lembrar-se que além da biografia e de *Freud para historiadores*, a coleção conhecida pelo título geral *A experiência burguesa*, lançada em cinco volumes, entre 1985 e 1998, nos Estados Unidos, também estava em andamento (Castelo, 2020). Conjecturar o apelo editorial de trabalhos biográficos também é possível, sobretudo, considerando a efeméride dos cinquenta anos da morte de Freud. No entanto, o que de mais evidente aparece no esforço de leitura da obra é a possibilidade, colocada ao biógrafo, de trabalhar com um conjunto documental muitas vezes pouco valorizado pela história disciplinada e operar com inferências que se adaptam muito bem ao gênero biográfico. Em tempo, os recursos narrativos advindos do mundo antigo, como a fábula, por exemplo, examinada pelo historiador Francisco Régis Lopes Ramos, a despeito de adaptações modernas, seguem a ter importância na modernidade, em especial, aquelas com potencial de suporte de valores morais para a formação do indivíduo e que se amparam nas bases oferecidas pela ficção (Ramos, 2023, p. 10). É o caso do gênero biográfico.

A psicanálise despertou o interesse do historiador que Peter Gay se tornara, sobretudo, a partir da década de 1970, e antes de publicar a volumosa biografia de Freud, no final dos anos 1980, ele já havia escrito outros trabalhos que tinham no neurologista vienense figura de relevância para a história da Alemanha. De fato, como demonstra a tese de doutorado do historiador Raphael Lino, recentemente defendida, Gay escreveu diversos estudos sobre Freud, antes e depois de *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Em tempo, o trabalho de Lino situa o conjunto da obra de Gay no contexto mais amplo dos diálogos interdisciplinares entre a historiografia e a psicanálise e é, até onde se chegou nesta pesquisa, o estudo mais completo, em língua portuguesa, dedicado à obra de Gay. Ainda, conforme Lino, a construção de um Freud que se resume ao padrão liberal burguês fez do personagem criado por Gay uma figura que merece ressalvas (Lino, 2024, p. 100-101).

De todo modo, as relações de aspectos biográficos de Freud com as formulações da



psicanálise atravessam de ponta a ponta a biografia escrita por Gay. Desde o prefácio, o biógrafo anuncia que os dados autobiográficos deixados por Freud, embora nem sempre confiáveis, farão parte da construção da obra (Gay, 2012, p. 14). Existem diversas remissões a isso no trabalho, o que, certamente, estimula uma análise acerca do estatuto epistemológico da psicanálise. Não é sem razão que na recente resposta dos psicanalistas Christian Dunker e Gilson Iannini, na obra *Ciência pouca é bobagem: por que a psicanálise não é pseudociência*, a um livro escrito por Natalia Pasternak e Carlos Orsi (ambos editados em 2023), que questiona a cientificidade da psicanálise, há uma pequena, mas significativa, seção dedicada aos usos da biografia de Freud para atacar o saber psicanalítico. Na obra de Dunker e Iannini, que não cita o trabalho de Gay, a revisão crítica dos conhecidos postulados de Karl Popper acerca dos critérios para cientificidade passam, indiretamente, pelo argumento de que a história de todos os saberes transita, em algum momento, pelo gênero biográfico, embora a ele não se resuma (Dunker; Iannini, 2023, p. 117-141). No final da década de 1970, o historiador Michel de Certeau já enfatizava, ao refletir teoricamente acerca das relações entre a história e a psicanálise, que a biografia constituía um elemento importante nesse diálogo (Certeau, 2011, p. 86-89).

Como dito anteriormente, em *Freud: uma vida para o nosso tempo*, é possível identificar uma série de passagens que tematizam a história da psicanálise através de aspectos da vida de Freud, ou, como dito por Gay, é permitido observar “quando ele passou seus sentimentos para a teoria” (Gay, 2012, p. 105):

Esse emaranhamento entre autobiografia e ciência marcou a psicanálise desde o início. A famosa observação confessional de Freud sobre a significação ímpar da morte do pai é tão admirável pelo que diz como pelo que omite: seria realmente verdade que a morte da mãe é menos dolorosa? A mãe de Freud, imperiosa e senhora de si, viveu até 1930, alcançando os 95 anos de idade, exigindo fidelidade de seus filhos, inclusive de seu precioso e favorito primogênito Era quase como se sua longa vida ativa tivesse permitido ao filho psicanalista contornar as plenas implicações da luta edipiana para a qual, afinal, ele tinha sido o primeiro a chamar a atenção. É importante para a história da psicanálise que Freud tenha tido uma relação tão filial com seu pai, sonhando e se preocupando mais com as relações paternas do que com as maternas, inconscientemente disposto a deixar não analisada parte de sua ambivalência em relação à sua mãe (Gay, 2012, p. 105).

Percebe-se que toda a primeira metade da biografia escrita por Gay sustenta-se



nessa espécie de “aplicação” da teoria psicanalítica nos registros biográficos e autobiográficos de Freud. É compreensível que para qualquer biógrafo com algum domínio teórico da psicanálise isso seria irresistível e, segundo escreve George S. Williamson, em um necrológio dedicado a Gay, esse foi o aspecto mais elogiado no livro, na ocasião de seu lançamento (Williamson, 2016, p. 13). No entanto, é necessário aprofundar um pouco o exame dessa escolha. O historiador produziu esse texto biográfico em meados da década de 1980, conjuntura que pode ser percebida como de encruzilhada entre os desafios já estabelecidos do “giro linguístico” e as contendas nascentes em torno do chamado “giro subjetivo” (Sarlo, 2007).² Aquela década foi marcada pela ascensão do interesse pelos fenômenos ligados à memória, ao testemunho e, em sentido mais geral, aos traumas das catástrofes humanas do século XX. Era o momento da explosão dos negacionismos do Holocausto, na Europa e nos Estados Unidos, e dos impasses em torno das políticas de transição democrática em Portugal, na Espanha e em diversos países da América Latina (Traverso, 2012). Nesse bojo, a biografia também era considerada, ao lado das autobiografias e dos relatos de vida, em sentido amplo, como um gênero narrativo que transcendia seus aspectos mais conhecidos, no sentido de ser um tipo de escrita mais popular e mais didático, passando a sustentar elementos epistemológicos e políticos mais sofisticados. Importantes nomes da historiografia internacional, como Jacques Le Goff, por exemplo, passaram a escrever biografias e, no caso desse mesmo historiador, a publicar textos de teoria, metodologia e reflexão sobre como escrever tais obras no campo da história (Le Goff, 1989).

Portanto, escrever uma biografia de Freud e contar, por extensão, a história da psicanálise, passava, para Peter Gay, pela afirmação da própria história como disciplina científica, capaz de estabelecer um corte e uma autoridade tanto em relação ao gênero biográfico como em relação ao biografado e ao saber que ele ajudou fortemente a fundamentar. Como informado logo no início desse artigo, não faz parte de seus objetivos exaurir as possibilidades de análise do contexto e produção da biografia de Freud e, menos ainda, explorar o arsenal documental e discursivo mobilizado por Gay nesse trabalho. Por hipótese, é pertinente indicar que um exame do contexto historiográfico estadunidense dos anos 1980 – e de seus diálogos com a psicanálise – talvez ajude a explicar o tom excessivamente crítico que o biógrafo assumiu, defendendo-se, desde o início, ao enfatizar o texto como um estudo fundamentado na crítica garantida pela autoridade da história como disciplina científica. A questão que se coloca, por conta disso, é que, na mesma medida em que o Freud e a psicanálise são confrontados pelos critérios do método historiográfico, é permitido, em contrapartida, indagar sobre a supremacia desse método e sobre

2 Para um exame do contexto historiográfico estadunidense da década de 1980, e seus debates e contendas, considerar o trabalho do historiador Arthur Ávila. Como dito inicialmente, essa dimensão ultrapassa a proposta apresentada neste artigo (ÁVILA, 2010).



as competências de historiadores ao examinarem a história e os pressupostos de um saber alheio, convertendo-o em um objeto de análise, sem considerar as diferenças de base epistemológica. No mesmo necrológico, anteriormente citado neste artigo, Williamson comenta que *Freud: uma vida para o nosso tempo* foi criticado por oferecer um ponto de vista excessivamente ortodoxo acerca da vida do biografado. Segundo o necrologista, tal abordagem foi vista com reveladora da intenção de Gay em ver reconhecido, em sua obra, um trabalho dedicado de reconstrução histórica (Williamson, 2016, p. 13). A despeito desse comentário, é possível considerar que a rigidez da crítica formulada pelo historiador e biógrafo, como se vai demonstrar a seguir, pode ter comprometido, em parte, esse suposto objetivo apontado por seus críticos.

Mais que alheio, a psicanálise é um saber *diferente*, em termos epistemológicos, quando comparado não apenas à história, mas a todas as demais disciplinas modernas (Braga; Gonçalves, 2021). A obra produzida por Freud denuncia tal diferença. Para ser possível, ela demandou de seu formulador uma exposição incomum para o universo discursivo da historiografia, deixando o próprio biógrafo inseguro acerca de como classificá-la:

A interpretação dos sonhos de Freud não se restringe a sonhos. É uma autobiografia ao mesmo tempo sincera e cautelosa, tão instigante pelo que revela quanto pelo que omite. Mesmo na primeira edição, mais breve do que as que se sucederam, ela oferece um levantamento das ideias psicanalíticas fundamentais – o complexo de Édipo, o trabalho da repressão, a luta entre desejo e defesa – e um rico material de casos clínicos. Ela apresenta, um tanto de passagem, nítidos esboços do mundo médico vienense, repleto de rivalidades e de caçadores de prestígio, e da sociedade austríaca, infectada pelo antissemitismo e no final de suas décadas liberais. Ela se inicia como um exaustivo levantamento bibliográfico da literatura sobre os sonhos, e encerra-se, no árduo sétimo capítulo, como uma teoria abrangente da mente. Em suma, o gênero da obra-prima de Freud é inclassificável (Gay, 2012, p. 119).

O excerto supracitado é revelador de algumas das distâncias entre a disciplina da história e a psicanálise, denunciadas, regularmente, por Gay ao longo da biografia. Em primeiro lugar, o corte cartesiano entre, de um lado, o sujeito de conhecimento, e, de outro, seu objeto, de fato, é algo extremamente delicado para a psicanálise, seja em seu aspecto teórico, seja na clínica. A necessidade de expor-se para fundamentar sua teoria era algo que incomodava Freud e isso é comentado em diversas passagens por seu biógrafo: “*A interpretação dos sonhos* é exatamente o conflito, em larga medida subterrâneo, entre a autorrevelação e a autoproteção. Mas Freud



não julgava que a exposição de sua teoria saísse minimamente prejudicada por sua relutância em se desnudar mais do que já fizera” (Gay, 2012, p. 139). Essa característica de produção de textos que torna complexo o seu enquadramento não é incomum em obras, até os inícios do século XX. Os escritos diversos de dois nomes importantes daquela época, já citados acima, Marx e Nietzsche, também são, até hoje, lidos como estudos que não se restringem facilmente aos gêneros narrativos e bibliográficos disponíveis. O impasse em torno dos trabalhos de Freud talvez pareça maior pelo fato de terem sido eles precursores de um saber que não se converteu em uma disciplina determinada e nem foi plenamente absorvido pela universidade, como aconteceu com Marx e Nietzsche, no que diz respeito aos seus lugares nos campos da Sociologia e da Filosofia. Nesse mesmo horizonte, é possível considerar que a descrição íntima das sociabilidades nem sempre harmoniosas entre colegas, presente em Freud, também tende a transgredir os acordos estabelecidos pela ordem do discurso disciplinar que se fundamenta no corte entre a subjetividade do sujeito de conhecimento e a objetividade da matéria com a qual trabalha, cisão que se sustenta, amplamente, na omissão do cotidiano do lugar social onde tal discurso é fabricado. A história do desenvolvimento da psicanálise é marcada pelo enredo de brigas e ressentimentos entre Freud e seus mestres e discípulos, algo que o biógrafo, inclusive, explorou à exaustão em seu texto (o que não é algo estranho aos ambientes acadêmicos, embora nem sempre os textos denunciem com a mesma franqueza freudiana).

Além de ser um espaço de crítica às avaliações que o biografado fazia acerca de si mesmo e sobre suas formulações teóricas, o âmbito da biografia permitia a Gay incluir em sua narrativa historiográfica descrições físicas de seu personagem, incluindo a corporeidade em seu trabalho, algo pouco pertinente à escrita da história até hoje:

Freud aos cinquenta anos era intelectualmente fecundo e fisicamente vigoroso, mas atormentava-se volta e meia com sombrias ideias de decrepitude. Quando Karl Abraham, em 1907, o visitou pela primeira vez, em Viena, lamentou ver que “infelizmente o complexo de velhice parece oprimi-lo”. Sabemos que, aos 44 anos, Freud já havia escarnecido de si mesmo, chamando-se de velho israelita acabado. Essa preocupação tornou-se um estribilho constante; em 1910, escreveu a um amigo: “De qualquer forma, notemos que há algum tempo eu decidi morrer apenas em 1916 ou 1917”. Mas a produtividade e os frutos do trabalho de Freud desmentiam essa preocupação neurótica. Embora fosse de estatura mediana – tinha cerca de 1,70m –, ele se destacava numa multidão com sua presença imponente, sua aparência bem arrumada e seus olhos observadores (Gay, 2012, p. 168).



A biografia escrita por Gay é plena de passagens que atingem tal dimensão dos sentidos, descrevendo não apenas o corpo físico de seu biografado, mas também os espaços por ele ocupados. A casa de Freud é descrita em detalhes e seus gostos artísticos e literários são examinados a partir da disposição de objetos nesses lugares íntimos (Gay, 2012, p. 174-184). A opção pelo ingresso desse tipo de informação, que participa de pontos estratégicos da narrativa, evidencia certa concepção de biografia e denuncia as expectativas do público leitor, supostas pelo biógrafo. O mesmo se pode dizer do investimento nos conflitos de Freud com seus pares e seus críticos, que atravessam toda a obra, algo já citado logo acima. Importa recordar, nesse momento, a hipótese de leitura apresentada neste artigo: a narrativa biográfica elaborada por Gay é um estudo de estilo, a despeito de toda a ênfase em uma autoridade crítica emprestada do discurso historiográfico. Esse é um dos impasses da biografia histórica desde o seu surgimento (Cezar, 2018).

Ademais, se o gênero biográfico possui suas fórmulas, é permitido dizer, também, que, sobretudo em livros sobre vidas de escritores, ele é um espaço para a reflexão sobre os processos de escrita, em um jogo metalinguístico interessante (Arfuch, 2010). Ao descrever o trabalho de Freud sobre o conhecido caso do Homem dos Ratos, escrito fundador sobre a chamada neurose obsessiva, Gay diz o seguinte:

Freud, o mais literário dos psicanalistas, não se satisfaria apresentando um relato de caso árido ou uma coletânea de observações indigestas: ele queria reconstruir um drama humano. Mas o material que o Homem dos Ratos oferecia com tanto desprendimento – material estranho, abundante, aparentemente sem sentido – ameaçava escapar ao controle de Freud. Quando estava concluindo a redação do caso, queixou-se a Jung: “É muito difícil para mim, quase ultrapassa minha arte de exposição, provavelmente vai ser inacessível a qualquer pessoa além daquelas mais próximas a nós. Quão mal-acabadas são nossas reproduções, quão miseravelmente reconstituímos essas grandes obras de arte da natureza psíquica!” (Gay, 2012, p. 273).

Freud possuía, de fato, assumidas preocupações literárias, característica que, é permitido dizer, compartilhava com o seu biógrafo, dado o interesse perene de Gay pela temática do estilo. No entanto, Freud e Gay distanciavam-se quanto ao grau de reconhecimento da ficção



como um recurso que participa da produção do que chamamos de realidade histórica, até mesmo em relação à biografia. Gay insinua sua concepção de biografia, sendo esta atrelada ao factual, quando trata do estudo sobre Leonardo da Vinci escrito por Freud:

Freud nunca considerou seu longo artigo sobre Leonardo da Vinci como um caso clínico, embora certa vez, de muito bom humor, convidasse Ferenczi, de brincadeira, a “se maravilhar” com seu novo “ilustre” analisando. Considerava o artigo antes como uma expedição de reconhecimento para a maciça invasão de temas culturais que planejava empreender, com as armas da psicanálise nas mãos. “O domínio da biografia também deve se tornar nosso”, escreveu a Jung em outubro de 1909, anunciando triunfante que “o enigma do caráter de Leonardo da Vinci tornou-se subitamente transparente a mim. Assim, este seria o primeiro passo na biografia”. Mas revelar-se-á que essa definição oficial do “Leonardo” como um exercício de biografia psicanalítica é incompleta (Gay, 2012, p. 277).

Gay aponta para a pobreza das provas que sustentariam o estudo e é implacável em sua avaliação, após descrever as respostas de Freud às críticas recebidas, que apontavam para a dimensão ficcional do trabalho sobre o personagem real: “essas são as telas opacas que Freud ergueu em defesa contra os críticos capciosos. Mas elas não ocultam que o ‘Leonardo’, apesar de suas deduções brilhantes, é uma realização com sérios defeitos” (Gay, 2012, p. 279). Se na primeira parte da biografia, a psicanálise serviria à análise crítica da vida de Freud, que, de certa maneira, era posto no divã por Gay, a partir dessas experiências de teoria psicanalítica aplicada à cultura, que resultaram em importantes ensaios publicados nas últimas três décadas de vida por Freud, o biógrafo apresentaria críticas pungentes às ousadias criativas de Freud. A exigência, nesses casos, foi tão severa que o biografado é quase descrito como um colega incompetente, um historiador que não respeitava os métodos do ofício. E é nessas passagens que o livro *Freud: uma vida para o nosso tempo* denuncia a época em que foi produzido como biografia histórica. É provável que denuncie, ainda, o lugar social de sua fabricação, mas, nesse momento, essa dimensão não será explorada.

A leitura apresentada por Gay de *Totem e tabu*, obra publicada por Freud em 1913, é um bom exemplo da rigidez conceitual do biógrafo em relação à alteridade que a obra freudiana se lhe apresentava. O que seria uma expectativa plausível em uma biografia, isto é, a possibilidade de trabalho com a chave do ficcional no tratamento de textos como esse, é descartada. Toda a sofisticada construção mitológica para as origens pré-históricas e históricas das sociedades



humanas, no que diz respeito à lei e à religião, foi examinada da seguinte maneira na biografia, com um tom historicista de fazer inveja a alguns homens da época de Freud: “a linhagem intelectual de *Totem e tabu* é impressionante, perdendo um pouco o seu brilho, retrospectivamente, apenas devido ao passar do tempo e à crescente sofisticação das disciplinas afins que alimentaram algumas das conjeturas mais subversivas de Freud” (Gay, 2012, p. 334). O biógrafo utiliza expressões tais quais “imaginoso”, “devaneio psicanalítico” e “suposições incomprovadas” à medida em que analisa um texto de natureza incomum e que, como outros de Freud, não são passíveis de uma interpretação comprometida com um princípio de realidade estrito (Gay, 2012, p. 331-338). Embora Freud não admitisse, de forma direta, tratar-se de um uso do ficcional no campo que ele acreditava ser científico, isso é bastante evidente. Conforme Isabelle Alfandary, em *Ciência e ficção em Freud: qual epistemologia para a psicanálise?*:

Freud tinha medo de reconhecer um lugar de ficção na psicanálise para não pôr em perigo a seriedade e a cientificidade de uma ciência nascente. Entretanto, no final desta jornada, parece que a psicanálise freudiana faz um duplo uso da ficção: um uso prático que visa tornar a experiência do inconsciente comunicável, e um uso teórico que sustenta a hipótese do inconsciente (Alfandary, 2022, p. 196)

Gay, enquanto historiador profissional, autor de uma biografia, nos anos 1980, não ponderou os usos da ficção por parte de Freud. O tom irônico predominou em sua leitura de *Totem e tabu*:

Freud teve a elegância de reconhecer que essa reconstrução devia se afigurar fantástica a todos, mas para a sua mente era perfeitamente plausível: o pai feroz e ciumento, que dominava a horda e guardava as mulheres para si, expulsava seus filhos, tão logo cresciam. “Um dia, os irmãos que haviam sido expulsos reuniram-se, espancaram o pai até a morte e devoraram-no, e assim puseram um fim à horda patriarcal” (Gay, 2012, p. 336-337).

A reflexão teórica, no campo historiográfico, tanto em relação à ficção como no que tange ao gênero biográfico, nas últimas três décadas, permite que o trabalho de Peter Gay seja analisado a partir de uma perspectiva que valoriza o diálogo interdisciplinar, algo que ele mesmo promoveu em suas trocas com a psicanálise, mas que, ao examinar os ensaios de crítica da cultura



produzidos por Freud, optou por abandonar. Freud e a história da psicanálise, de certo modo, foram convertidos em objetos de análise, em nome de uma concepção de biografia histórica que tomou parte dos escritos freudianos como formulações resultantes da imaginação criativa do biografado, estando, portanto, apartados de certa ideia de realidade. Apesar disso, Gay, evidentemente, sabia que a dimensão narrativa daqueles textos participava do método aplicado àquele saber, afinal, foi isso que ele mesmo escreveu em *O estilo na história*, em passagem citada neste artigo. De toda maneira, a autoridade crítica do historiador, no contexto de produção de *Freud: uma vida para o nosso tempo*, sobrepôs-se à hipótese de um contato mais simétrico entre a historiografia e saber psicanalítico, algo que, deve ser mencionado, também não havia sido aventado por Gay em outras obras como, por exemplo, *Freud para historiadores*.

Considerando o que foi dito, ao longo deste artigo, não se deve confundir os argumentos desenvolvidos acima com aceno ao relativismo ou à descrença nos compromissos éticos da historiografia com a materialidade humana e não-humana do passado. Em conformidade com o que escreveu Reinhart Koselleck:

O historiador permanece subordinado à instância de controle da racionalidade constritora. É uma instância de controle de natureza negativa, de que resulta o método histórico. Ou seja, ela não admite enunciado algum que não passe pelas tenazes da leitura das fontes, e as fontes têm resistência própria. Uma fonte nunca diz o que deve ser dito, mas sempre mostra o que não é lícito dizer. As fontes possuem um direito de veto. Metodologicamente preparado, cria-se assim um campo mínimo para a inspeção racional, de modo que determinados resultados da pesquisa histórica são universalmente comunicáveis e controláveis, com independência da posição do historiador (Koselleck, 2021, p. 124-125).

A questão central trazida nesta análise está relacionada, justamente, com os aspectos metodológicos da biografia escrita por Peter Gay. O modo como a obra de Freud foi lida parece subtrair a diferença que esse material documental demarca quando é confrontado com o corte discursivo da historiografia. Ao mesmo tempo, acompanhando a reflexão de Alfandary, se Freud optou por determinado estilo em sua produção escrita com finalidades práticas, é possível supor, como já foi posto acima, que Gay, da mesma forma, escolheu a fórmula da biografia com intenções estilísticas (ou seja, também práticas). Havia um projeto por trás desse monumental esforço de organização sistemática da história de vida de Freud. Nele, há uma concepção de biografia e um lugar específico destinado à psicanálise. Esse projeto merece atenção por



demonstrar, nos limites do que nos permite a história da historiografia, o contexto do debate sobre o gênero biográfico nos anos 1980, algo acerca das formas de representação da subjetividade na escrita da história e, especialmente, por indicar o relacionamento do historiador Peter Gay com a dimensão ficcional. Nele, encontramos o Freud possível para o campo historiográfico, cinquenta anos depois de sua morte e quase quatro décadas antes do nosso presente. Ao afirmar, logo na segunda página do prefácio de seu trabalho, que "(...) Freud não foi seu melhor juiz", Gay estabelecerá o seu comprometimento com uma determinada concepção de história (Gay, 2012, p. 14). Ainda há muito a indagar-se sobre ela (e não apenas em relação à obra do historiador estadunidense dos séculos XX e XXI).

Considerações finais

A despeito da popularidade e do perene valor editorial que publicações definidas pelos contornos do gênero biográfico costumam deter, no livro *Freud: uma vida para o nosso tempo*, de 1988, encontra-se um trabalho de pesquisa historiográfica que reflete, ao mesmo tempo, as implicações de Gay com a história, entendida como disciplina científica, e com o saber da psicanálise, por ele concebido como pertinente orientação para a produção daquele conhecimento. Cerca de meio século após a morte de Freud e, ainda, em um contexto particularmente interessante (porém incipiente) de debates sobre os limites e as possibilidades das biografias históricas, em meados da década de 1980, a hipótese que foi aqui apresentada é a de que o historiador, para além dos aspectos ligados a efemérides e ao bom momento para acolhimento de seu trabalho, optou pela fórmula da biografia em função das perspectivas de reflexão epistemológica que o ato de narrar a vida de um personagem como Freud poderia trazer. Gay realizou um estudo de estilo, amparando-se nos recursos do gênero biográfico, mas sem arriscar-se em interpretações que ultrapassassem os limites de uma obra que se queria histórica.

Recentemente, o historiador estadunidense Dominick LaCapra, na parte final da obra *Comprender outros: povos, animais, passados*, avaliou a diversidade textual que atravessa a história das humanidades, elemento que acompanha a história da interdisciplinaridade nessa área do conhecimento e fala do seu estatuto social mais geral, para além do meio acadêmico. LaCapra utiliza, inclusive, o caso de Freud como exemplo:

O que é distintivo a respeito de artefatos ou textos humanísticos básicos, inclusive os de Freud, é como seu significado ultrapassa qualquer disciplina dada – uma forma de excesso que pode muito bem ser defendida. Como sugeri, artefatos humanísticos



básicos podem ser apreciados, lidos ou estudados não apenas em várias disciplinas, mas também fora da academia. Com efeito, o grau em que entram na esfera pública é uma indicação de cultura geral, incluindo a riqueza e a diversidade de uma cultura que combina tais interesses com formas prevalentes de cultura popular e midiática (LaCapra, 2023, p. 239).

Nesse mesmo sentido, parece seguir em vigência a leitura do historiador Michel de Certeau acerca do legado freudiano. Tanto no que diz respeito à ideia de “ficção teórica” a partir da psicanálise, apresentada por Certeau em *A escrita da história* (1975), como em sua reflexão sobre o “romance” psicanalítico, que pode ser encontrada em *História e psicanálise: entre ciência e ficção* (1987), o historiador francês parece ter garantido a existência das diferenças entre a história e a psicanálise, sem necessariamente estabelecer uma hierarquia acerca da maior ou menor proximidade com a verdade sobre o que se passou. Com esse gesto, na sua diferença, Freud reflete, inclusive, sobre o gênero biográfico, um de seus interesses precoces, diz Certeau, e promove o que este vai chamar de “biografia anti-individualista”, redundando em uma estilística dos afetos (Certeau, 2011, p. 100-106). Desse modo, a concepção de estilo de Peter Gay, voltada para a ação prática, acaba por ressaltar uma ideia de biografia profundamente atrelada ao seu contexto de produção e aos limites que o biógrafo impôs a si mesmo. Por outro lado, Freud, na estranheza da psicanálise, parece avançar, no século XXI, muito contemporâneo, no modo formulado pelo filósofo italiano Giorgio Agamben: “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (Agamben, 2009, p. 59). É bom para a historiografia (e não apenas para ela) que ele tenha proposto algo diferente.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALFANDARY, Isabelle. **Ciência e ficção em Freud: qual epistemologia para a psicanálise?** Tradução: Rafaela Flores, São Paulo: Blucher, 2022.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, 2010, p. 157-172. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>. Acesso em: 2 mar. 2024.



- AVILA, A. L. O Passado Despedaçado: o espectro da fragmentação profissional na historiografia norte-americana (c.1980-c. 1990). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 3, n. 4, p. 145–162, 2010. DOI: 10.15848/hh.v0i4.81. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/81>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- BEVERNAGE, B. 'A passeidade do Passado': Reflexões sobre a política da historicização e a crise da passeidade historicista. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 21–39, 2021. DOI: 10.5216/rth.v24i1.69673. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/69673>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- BRAGA, Sabrina Costa; GONÇALVES, Murilo (Orgs.). **História e psicanálise** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, 323p. Disponível em: <https://www.editorafi.org/308historia>
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Logos e léxis na retórica de Aristóteles**. Texto não indexado, 23p. Disponível em: http://www.letas.ufmg.br/jlinsbrandao/JLB_Logos_Lexis_Retor_Arist.pdf. Acesso em: 2 mar. 2024.
- CASTELO, Sander Cruz. A “educação dos sentidos” burguesa na psico-história de Peter Gay. Ramos, Francisco Régis Lopes (Org.). **História, memória e historiografia**. Sobral: Sertão Cult, 2020, p. 205-221.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- CEZAR, Temístocles. Bartleby Nulisseu: a arte de contar histórias de vida sem biografia. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 223-239.
- DOSSE, Francois. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- DUNKER, Christian; IANINNI, Gilson. **Ciência pouca é bobagem: por que a psicanálise não é pseudociência**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- FRANCO JÚNIOR, H. “Só irmãos não basta ser, melhor é sermos amigos”: As relações entre História e Psicanálise. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 11–40, 2021. DOI: 10.5216/rth.v23i2.65243. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/65243>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Tradução: Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Trad. Denise Bottmann. Consultoria editorial Luiz Meyer. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GAY, Peter. **O estilo na história**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GONÇALVES, M. de A. (2011). História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, 13(22). Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/14020>
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado Guimarães. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatáhy (Org.). **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 9-24.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Repensando os domínios de Clío: as angústias e ansiedades de uma disciplina. **Revista Catarinense de História**, n. 5, p. 5-20, 1998.
- KOSELLECK, Reinhart. **Uma latente filosofia do tempo**. Organizado por Hans Ulrich Gumbrecht e Thamara de Oliveira Rodrigues. Tradução: Luiz Costa Lima. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- LACAPRA, Dominick. **Compreender outros: povos, animais, passados**. Tradução: Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? **Le débat**, Paris, mars-avril, numéro 54, p. 48-53, 1989.



LINO, Raphael Cesar. **Diálogos interdisciplinares**: a relação entre história e psicanálise nas obras de Peter Gay. 2024. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2024.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução: Maria Beatriz B. Florenzano. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MORETTI, Franco. **Distant Reading**. London: Verso, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como filosofar com o martelo. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Edipro, 2020.

OLIVEIRA, M. da G. de. (2017). As vidas de um gênero: biografia, história, ficção. **Diálogos**, 21(2), 22 - 31. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/39525>

PAYEN, P. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 103–122, 2011. DOI: 10.15848/hh.v0i6.250. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/250>. Acesso em: 2 mar. 2024.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Apesar do tempo**: história, memória e ficção. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2023 [livro eletrônico].

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCOTT, Joan. The incommensurability of psychoanalysis and history. **History and Theory**, 51, (February, 2012), p. 63-83. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2303.2012.00612.x>. Acesso em: 2 mar. 2024.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. História, memória e política. Tradução: Tiago Avó. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. **Tempo**, vol.24, núm.2, pp.186-205, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/BkYCb6mfzF4kTGPzSzN9vYg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 mar. 2024.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILLIAMSON, George S. Memorial, Peter Gay (1923 – 2015). In: **Central European History**, Volume 49, Issue 1, March 2016, pp. 4 – 18. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S000893891600008X>

Informações Adicionais

Biografia profissional:

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto de Teoria e História da Historiografia no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Caicó-RN (UFRN). Desenvolve pesquisa de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC) (2023-2024). Autor do livro *Tempos e vidas: a biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen* (Appris, 2022).

Endereço para correspondência:

Rua Joaquim Gregório, S/N, Caicó, RN, 59.300-000, Brasil.



Financiamento:

Não se aplica

Agradecimento:

Expresso minha gratidão ao professor Francisco Régis Lopes Ramos pela sugestiva proposta de exploração da problemática do contemporâneo a partir do estudo biográfico escrito por Gay. Tal enfoque incentiva a atenção aos contextos específicos (históricos e historiográficos) e às temporalidades justapostas no exame dessa fonte historiográfica. Embora a responsabilidade pelas ideias e argumentos apresentados neste artigo seja totalmente minha, a ideia geral é devedora das conversas que tivemos. Agradeço à psicanalista Clarice Gatto (FIOCRUZ), pelas indicações de leitura, no âmbito do Seminário de Psicanálise “Arte e literatura em Freud e Lacan”, coordenado e ministrado pela pesquisadora ao longo do ano de 2024.

Conflito de interesse:

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética:

Não se aplica.

Contexto de pesquisa

Este artigo é resultado de pesquisa realizada entre fevereiro de 2023 e maio de 2024, em estágio de pós-doutorado, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a supervisão do professor Francisco Régis Lopes Ramos.

Modalidade de avaliação

Duplo-cega por pares.

Preprint

O artigo não é um preprint.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica.

Editores responsáveis

Rebeca Gontjo – Editora-chefe

Martha Rodriguez - Editora executiva

Direitos autorais

Copyright © 2024 Evandro dos Santos



Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).



Histórico de avaliação

Data de submissão: 18 de novembro de 2022

Data de alteração: 01 de julho de 2024

Data de aprovação: 22 de julho de 2024